

**O uso das aspas na construção do *ethos* discursivo em
Lélia Gonzalez e Rita Lee: uma estratégia argumentativa**

*The use of quotation marks in the construction of discursive ethos in
Lélia Gonzalez and Rita Lee: an argumentative strategy*

Lohana Larissa Mariano CIVIERO¹
Renan Fabrício Lorenzatto da SILVA²

Resumo

Esta pesquisa busca analisar o uso das aspas como recurso argumentativo na construção do *ethos* discursivo de duas personalidades distintas, Lélia Gonzalez e Rita Lee. Autoras que, apesar de atuarem em campos diferentes, compartilham paralelos peculiares de formas de expressão e engajamento social. Por meio de recortes da primeira parte da obra *Lugar de negro* (1982), escrita por Gonzalez, e da obra *Rita Lee: uma autobiografia*, (2016), de Rita Lee, e com embasamento teórico em autores como Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), Authier-Revuz (1990; 2004), Amossy (2008) entre outros, busca-se a análise das estratégias argumentativas utilizadas pelas autoras a partir da construção do *ethos* discursivo. Concluiu-se que as autoras utilizam as aspas na construção do *ethos* discursivo ao reforçar a credibilidade e autenticidade das narrativas apresentadas.

Palavras-chave: Lélia Gonzalez. Rita Lee. *Ethos*. Aspas.

Abstract

This research seeks to analyze the use of quotation marks as an argumentative resource in the construction of discursive ethos of two distinct personalities, Lélia Gonzalez and Rita Lee. Authors who, despite working in different fields, share peculiar parallels in forms of expression and social engagement. Through excerpts from the first part of the work "Lugar de Negro" (1982), written by Gonzalez, and the book "Rita Lee: An Autobiography" (2016) by Rita Lee, and with theoretical grounding in authors such as Perelman and Olbrechts-Tyteca (2002), Authier-Revuz (1990; 2004), Amossy (2008) among others, the analysis of the argumentative strategies used by the authors is sought from the construction of discursive ethos. It was concluded that the authors use quotation marks in the construction of discursive ethos, by reinforcing the credibility and authenticity of the narratives presented.

Keywords: Lélia Gonzalez. Rita Lee. *Ethos*. Quotation marks.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (PPGL/Unioeste). E-mail: lohanalarissa483@gmail.com

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (PPGL/Unioeste). E-mail: renanlorenzatto0610@gmail.com

Introdução

Lélia Gonzalez (1935-1994), mineira, a décima oitava de dezenove filhos de uma família humilde, teve a oportunidade de estudar. Gonzalez obteve formação acadêmica em História, Geografia e Filosofia, além de se dedicar aos estudos de Psicanálise Lacaniana, Antropologia e Espiritualidade Africana. Participou ativamente das atividades do Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) e foi assim que se envolveu cada vez mais com o Movimento Negro³ e o Movimento Feminista Negro⁴. Lélia Gonzalez também entrou para o cenário político por conexões internacionais e pela publicação de textos acadêmicos e jornalísticos (Ratts; Rios, 2010).

No meio acadêmico, especialmente entre os anos 1970 e 1980, houve uma revisão importante da historiografia brasileira sobre a escravidão. Lélia Gonzalez foi a pioneira em denunciar publicamente a situação da mulher negra no país, que até então era romantizada. Ela propôs uma reinterpretação da figura da Mãe Preta, destacando-a como um pilar fundamental na constituição da sociedade brasileira (Projeto Memória, 2011). Durante sua vida, lançou dois livros significativos: *Lugar de negro* (1982) e *Festas Populares no Brasil* (1987) (Ratts; Rios, 2010).

Rita Lee (1947-2023), paulista, filha de um dentista estadunidense e uma pianista italiana, desde cedo esteve envolvida com a música e destacou-se no cenário musical, primeiro com a banda intitulada *Os Mutantes* e depois como artista solo. Sua carreira abrange composição, arranjos e interpretações musicais. Com mais de 50 anos de trajetória, Rita Lee se tornou uma das maiores figuras da música popular brasileira, sendo reconhecida como a “rainha do rock brasileiro”, além de explorar outros gêneros como bossa nova e MPB (Lima, 2019).

Rita Lee sempre esteve à frente de seu tempo, desde os anos 1960, debatia questões feministas e dos direitos das mulheres, antecipando temas que hoje estão em

³ O Movimento Negro é uma luta política e social que busca a igualdade racial e o fim do racismo. Aborda questões como discriminação, injustiça social, violência policial e desigualdades econômicas que afetam as pessoas negras. Promove a conscientização, mobilização e organização da comunidade negra para enfrentar tais problemas.

⁴ O Movimento Feminista Negro é uma vertente do Movimento Feminista que surge da interseção entre a luta das mulheres e a luta contra o racismo. Busca abordar as experiências específicas das mulheres negras, bem como reconhecer opressões e discriminações de gênero e raça.

destaque. Além disso, foi pioneira em discutir questões ambientais e de proteção animal em um período em que poucos estavam conscientes dessas preocupações. Paralelamente à carreira musical, Lee também escreveu vários livros, desde os infantis, crônicas e duas obras autobiográficas (Lima, 2019). A primeira, publicada em 2016, discorre sobre décadas de produção artística. A segunda, intitulada *Rita Lee: uma outra autobiografia*, acrescenta mais detalhes sobre a carreira, além de reflexões sobre a Pandemia de Covid-2019 e a luta contra o câncer.

Embora Lélia Gonzalez e Rita Lee sejam figuras de campos distintos – Gonzalez como intelectual e ativista negra, e Rita como cantora e compositora – há paralelos interessantes em suas formas de expressão e engajamento com questões sociais. Enquanto Lélia Gonzalez escrevia ensaios acadêmicos, participava ativamente de movimentos sociais e confrontava os estereótipos sobre a mulher negra, reivindicando seu lugar na história e na sociedade brasileira, Rita Lee expressava suas opiniões por meio de suas letras de música e desafiava convenções de gênero na indústria musical, sendo uma das poucas mulheres a se destacar no rock brasileiro e abordar temas considerados tabu para a época.

Tanto Lélia Gonzalez quanto Rita Lee deixaram um legado duradouro em suas áreas de atuação. Ambas compartilham um compromisso com a justiça social, a igualdade e a mudança. Tais características são latentes, por exemplo, em publicações escritas das autoras, neste caso, na primeira parte da obra *Lugar de negro* (1982), escrita por Lélia Gonzalez, e no livro *Rita Lee: uma autobiografia*, de Rita Lee (2016), obras em que as autoras discorrem sobre suas perspectivas particulares. Chama a atenção o uso repetido das aspas em diversos trechos nos textos de ambas as obras, que podem ser uma forma de argumentação das autoras na construção da imagem de si (*ethos*)⁵. Assim, essa pesquisa busca compreender e analisar a construção do *ethos* discursivo de Lélia Gonzalez e Rita Lee por meio desse recurso gráfico.

⁵ Os recursos gráficos, em textos escritos, são estratégias em nível elocucional do *logos*, mobilizadas para a construção do *ethos*. Assim, o *ethos* discursivo é construído no *logos*.

Retórica e o *ethos* discursivo

A Retórica de Aristóteles foi elaborada a partir de diversos estudos elaborados pelo filósofo, que descreveu, classificou e exemplificou estratégias retóricas, que podem ser exploradas para persuadir uma audiência. No contexto da Grécia antiga, por exemplo, a linguagem falada a um público específico tinha como objetivo conquistar a aceitação do tema discutido e buscar a adesão dos ouvintes. Segundo Guimarães (2001), a abordagem persuasiva se concentrava no uso da língua falada e do discurso diante de uma multidão reunida em praça pública, com o propósito de garantir sua concordância com a tese apresentada.

Cada período histórico desenvolve sua própria forma de pensamento, interpretação e comunicação. Por exemplo, a partir da década de 1960, com os avanços em áreas como Linguística, Semiótica, Pragmática e Teoria da Informação, a Retórica passou por uma renovação para se adequar a esse novo contexto do século (Mosca, 2001).

Autores como Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014) elaboraram um estudo abrangente, inspirado nos escritos de Aristóteles, denominado como Nova Retórica, no qual a argumentação é efetivada em relação ao público-alvo. Nesse sentido, há uma ênfase na estrutura argumentativa, isto é, para além da forma como a comunicação é conduzida para a audiência. Assim, além do discurso oral, os autores exploram a argumentação principalmente em textos impressos.

De acordo com os autores, “Para que uma argumentação se desenvolva, é preciso, de fato, que aqueles a quem ela se destina lhe prestem alguma atenção” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 20). A atenção do público é um elemento fundamental para o sucesso de qualquer argumentação, pois influencia diretamente na receptividade e na eficácia da comunicação entre o argumentador e sua audiência.

A noção de *ethos* é um elemento fundamental que está relacionado diretamente ao processo comunicativo. Para Amossy (2008), o *ethos* é parte integrante da atividade linguística, sendo uma ferramenta estratégica para alcançar os objetivos comunicativos e influenciar o outro na interação verbal. “[...] a noção de *ethos* é mobilizada pela concepção de enunciação da pragma-semântica. Trata-se, na verdade, de uma teoria que enfatiza a fala como ação que visa influenciar o parceiro” (Amossy, 2008, p. 15).

Maingueneau (2020) discorre que é por meio da palavra que um produtor coloca “[...] em risco sua imagem e tentar orientar, mais ou menos conscientemente e em um

sentido que lhe seja favorável, a interpretação e a avaliação dos signos que envia ao destinatário” (Maingueneau, 2020, p. 9). A partir disso, pode-se considerar o estudo do *ethos* que considera como o produtor se apresenta por meio do que diz e como se expressa.

Dittrich (2012), por meio dos escritos de Plantin (2005), define as concepções de *ethos* prévio, *ethos* discursivo e *ethos* autorreferencial. O primeiro refere-se a imagem estabelecida antes mesmo de uma interação comunicativa. O *ethos* discursivo é a imagem construída durante o processo de comunicação. Já o conceito de *ethos* autorreferencial refere-se à capacidade do indivíduo em falar de si, de ajustar sua própria imagem e persuasão durante o processo comunicativo.

É possível exemplificar por meio do *corpus* dessa pesquisa. Antes mesmo de ler os escritos de Lélia Gonzalez e/ou Rita Lee, os leitores podem confirmar ou consolidar uma imagem prévia delas – denominado *ethos* prévio. Quanto ao *ethos* discursivo, ele é estabelecido a partir do próprio texto, no caso, da escrita de Gonzalez e de Lee. A última categoria, *ethos* autorreferencial, ocorre quando as autoras se posicionam sobre si, um recurso empregado por Lélia Gonzalez em seus escritos e na autobiografia de Rita Lee, devido à própria classificação de gênero.

Haddad (2008) explora a relação entre o *ethos* prévio e o *ethos* discursivo. Para o autor, “O *ethos* prévio ou pré-discursivo influencia a construção do *ethos* discursivo e requer a reconfiguração dos estereótipos desfavoráveis que podem enfraquecer a eficácia do argumento” (Haddad, 2008, p. 148). Assim, há uma possibilidade de autoras como Lélia Gonzalez e Rita Lee, por exemplo, consolidar sua credibilidade por meio do *ethos* discursivo. Isso pode se concretizar por meio da projeção de sua imagem como autoridade no assunto em questão. Com isso, o *ethos* prévio está intimamente ligado ao *ethos* discursivo, uma vez que a percepção que o público tem de uma pessoa específica irá direcionar a imagem que o locutor deseja transmitir.

As aspas como recurso argumentativo na construção do *ethos* discursivo

Recorre-se aos gramáticos Cunha e Cintra (2001) que classificam o uso das aspas em sete situações distintas:

No início e no fim de uma citação para distingui-la do resto do contexto; [...] Para fazer sobressair termos ou expressões, geralmente não peculiares à linguagem normal de quem escreve (estrangeirismos,

arcaísmos, neologismos, vulgarismos, etc); [...] Para acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão; [...] Para realçar ironicamente uma palavra ou expressão; [...] Usam-se também para indicar: a significação de uma palavra ou de uma frase, em geral de língua estrangeira; [...] Nos diálogos, a mudança de interlocutor (emprego que em alguns escritores contemporâneos substitui o valor normal do travessão; [...] título de uma obra; [...] (Cunha; Cintra, 2001, p. 662-664).

Observa-se, com essas classificações, que as aspas desempenham, em geral, a função de destacar partes específicas do texto, seja para citar diretamente a fala de alguém; indicar a alternância de turnos em diálogos; assinalar termos estrangeiros ou neologismos; e, até mesmo, conferir uma conotação distinta a uma expressão.

Authier-Revuz (2004) analisa os usos das aspas sob uma perspectiva linguística e demonstra que esse recurso revela uma forma de heterogeneidade enunciativa. Isso significa que as aspas podem carregar múltiplos sentidos em uma única frase. Vejamos um trecho retirado da autobiografia da Rita Lee:

Nascer no 31 de dezembro é sacanagem. Levo um ano literalmente nas costas para fazer aniversário e ouvir: “hoje a festa é sua, hoje a festa é nossa, é de quem quiser, quem vier”. Quando criança, o que me consolava era o ditadinho “os últimos serão os primeiros”, até que um primo engraçadinho riu na minha cara: “Sim, os primeiros a chegar por último, dããã!” (Lee, 2016, p. 34).

No recorte acima, é perceptível que Rita Lee narra em primeira pessoa sua aversão por fazer aniversário no último dia do ano. Nas primeiras aspas, utilizadas para exemplificar uma conhecida canção popular, comum nas festividades de fim de ano, há um tom sarcástico por parte da autora. Ela menciona que espera o ano todo para celebrar seu aniversário, mas quando finalmente chega o dia, esse perde o significado diante das festividades da virada do ano.

Já nas segundas aspas, ao retomar o ditado “Os últimos serão os primeiros” entre aspas, Lee, ainda em primeira pessoa, destaca a expressão. Nesse caso, as aspas são empregadas para enfatizar a frase, seguidas pela resposta do primo: “Sim, os primeiros a chegar por último, dããã!”, em que Lee reforça o valor irônico da expressão e utiliza as aspas para indicar a mudança de interlocutor, já que remete a um diálogo entre duas pessoas.

É possível identificar o *ethos* discursivo de Rita Lee, principalmente pela apresentação de sua postura marcada por uma mistura de ironia, humor em relação à sua condição de fazer aniversário no último dia do ano. Ao descrever sua experiência, Lee transmite uma sensação de frustração e desapontamento, mas também uma aceitação da situação. O uso da linguagem coloquial e o uso de expressões como *sacanagem* e *dããã!* adicionam um tom informal, dinâmico e pessoal ao discurso, aproximando o leitor de seu relato pessoal sua experiência. Esses elementos contribuem para construir o *ethos* discursivo de Rita Lee como alguém com uma perspectiva singular, bem-humorada e autoconsciente em relação às peculiaridades da sua vida.

De acordo com Authier-Revuz (1990), a heterogeneidade discursiva pode também ser caracterizada como: “[...] discurso dos outros [...], de alguns outros, de um outro particular” (Authier-Revuz, 1990, p. 30). Vejamos um recorte escrito por Lélia Gonzalez.

O golpe militar de 1964 procurou estabelecer uma “nova ordem” na sociedade brasileira já que, de acordo com aqueles que o desencadearam, “o caos, a corrupção e o comunismo” ameaçavam o país. Tratou-se, então, do estabelecimento de mudanças na economia mediante a criação do que foi chamado de um novo modelo econômico em substituição ao anterior. Mas para que isso se desse, os militares determinaram que seria necessário impor a “pacificação” da sociedade civil. E a gente sabe o que significa esse termo, pacificação, sobretudo na história de povos como o nosso: o silenciamento, a ferro e fogo, dos setores populares e de sua representação política. Ou seja, quando se lê “pacificação”, entenda-se repressão (Gonzalez; Hasenbalg, 1982, p. 11).

Gonzalez apresenta uma análise crítica sobre o golpe militar de 1964 e suas consequências. A autora faz referência ao período histórico e discorre sobre sua interpretação dos eventos, o que demonstra seu conhecimento e expertise no assunto e reforça seu *ethos* como uma autoridade intelectual. É possível observar o uso de aspas pela autora, de modo específico, no termo “pacificação”. Esses recursos gráficos indicam um discurso alternativo, especificamente aquele que defendia o impacto positivo da ditadura militar, o qual Gonzalez não concorda.

O uso das aspas nesse caso também atenua o caráter argumentativo da autora em sua narrativa. Pode-se sugerir a definição de distanciamento para as aspas citado por Authier-Revuz (2004), em uma espécie de uma suspensão da responsabilidade enunciativa. Assim, nesse caso, Lélia Gonzalez utiliza as aspas como uma estratégia

argumentativa, que implica em uma separação do discurso e pode influenciar a percepção, o pensamento e os sentimentos dos seus leitores.

Lee também tece narrativas sobre o período da ditadura militar no Brasil. Em agosto de 1976, a artista é presa em São Paulo após uma falsa denúncia de porte de drogas. A verdade era que Rita Lee já irritava bastante o aparato policial com denúncias contra a ditadura e discursos militantes em shows. Em sua autobiografia, ela comenta sobre os primeiros momentos na delegacia:

Lá fui eu imprimir meus dedinhos na ficha policial e tirar foto frente/perfil. Lembrei do *mugshot* do Charles Manson dando uma risadinha. “Faz isso, Rita, e você vai direto pro pau-de-arara”. Aquela cena manjada da mocinha inocente apavorada sendo jogada na carceragem junto com putas e travestis e ainda ouvindo a gracinha: “Vamos ver agora o que essas leas vão fazer com a ovelhinha” (Lee, 2016, p. 153).

Ao descrever sua experiência de ser fotografada para a ficha policial, Rita Lee demonstra uma autenticidade e franqueza em relação aos eventos. Sua linguagem direta e sem rodeios transmite uma sensação de honestidade e sinceridade, o que fortalece seu *ethos* como uma narradora confiável. Quando fala, Lee não está criando um personagem para retratar o momento difícil que passou, mas sim sendo verdadeira ao expor seus pensamentos sobre o que viveu em tempos difíceis.

Percebe-se também o tom irreverente de Rita Lee ao comparar sua situação com o *mugshot* de Charles Manson, que sugere uma atitude de resistência e rebeldia contra as autoridades. Lee não se intimida diante da ameaça de ser submetida ao “pau-de-arara” e faz uma referência irônica à imagem estereotipada da moça inocente na prisão. A autora narra utilizando as aspas ao evidenciar os seus pensamentos.

Além disso, observa-se também um *ethos* de identificação com pessoas em situação de vulnerabilidade. Ao mencionar a possibilidade de ser colocada na mesma cela que prostitutas e travestis, Rita Lee destaca sua identificação com as margens da sociedade e sua empatia com aqueles que são marginalizados. Isso contribui para construir seu *ethos* como uma figura que está do lado dos oprimidos e dos excluídos em busca de justiça.

Lélia Gonzalez, de modo didático, discorre ainda mais sobre os acontecimentos históricos de 1964. A autora discorre sobre os Atos Institucionais (AI-5) e que, a partir disso, ocorreu a concretização do chamado milagre econômico.

E o que foi que caracterizou esse tal “milagre”? De acordo com analistas econômicos e políticos, sua caracterização se constituiu naquilo que eles chamaram de “Tríplice Aliança”, ou seja, no “casamento entre estado militar, as multinacionais e o grande empresariado nacional”. E foi graças a essas “núpcias” que se deu o processo de crescimento desse “barato” que a gente tanto discute nos dias de hoje, mas que está saindo muito caro para o trabalhador brasileiro: a dívida externa (Gonzalez; Hasenbalg, 1982, p. 12).

Lélia Gonzalez ironiza, por meio das aspas na palavra *milagre*, pois a autora não acreditava que os Atos Institucionais (AI-5) foram positivos. É possível também observar o uso da linguagem figurativa que aqui aparece entre aspas especificamente no trecho “casamento entre estado militar, as multinacionais e o grande empresariado nacional”. Gonzalez utiliza o termo *casamento* para definir a Tríplice Aliança e na sequência usa a palavra *núpcias*, entre aspas, para se referir novamente a essa união. Nesse caso, a autora Authier-Revuz (1990) discorre acerca de um outro papel que o uso das aspas pode indicar: “[...] uma outra modalidade de consideração de sentido [...]” (Authier-Revuz, 1990, p. 30).

O termo *barato*, muito presente na linguagem oral de Lélia Gonzalez, é também destacado no texto. Pode-se relacionar esse fenômeno como “um outro registro discursivo”, seguindo Authier-Revuz (1990, p. 30), em que Gonzalez utiliza uma linguagem dinâmica e não convencional para o gênero livro científico, por exemplo.

Além disso, é interessante notar que essa linguagem figurada é usada com mais frequência em textos de caráter literário. Lélia Gonzalez rompe com o comum ao trazer para o seu *logos* esse tipo de escolha lexical, que faz com que seja criado uma atmosfera única de progressão lógica, formando assim um argumento coeso. O domínio das palavras e de um estilo próprio ressaltam em Lélia Gonzalez o *ethos* de autora intelectual.

Eggs (2018) afirma que “O lugar que engendra o *ethos* é, portanto, o discurso, o *logos* do orador, e esse lugar se mostra apenas mediante as escolhas feitas por ele” (Eggs, 2008, p. 31). Assim, as escolhas do orador são responsáveis por demonstrarem e repassarem a imagem que este orador quer fazer de si. Vejamos outro recorte em Lee (2016): “Contam as boas línguas que eu lhe teria respondido: ‘Tô aprendendo a falar nome feio com os moleques para xingar minha mãe’” (Lee, 2016, p. 34).

A presença das aspas na declaração de Rita Lee sugere que a autora está compartilhando uma experiência pessoal de seu passado. O uso de uma linguagem

informal e coloquial, assim como faz Gonzalez, sugere uma comunicação descontraída e próxima do cotidiano. Essa escolha linguística por parte de Lee e também Gonzalez contribui para criar uma imagem mais informal de si, o que gera uma aproximação com os leitores.

O estudo sobre o *ethos* discursivo de Lélia Gonzalez e Rita Lee revela a complexidade da construção identitária das autoras por meio de seus escritos. Ambas usam recursos linguísticos específicos para estabelecer uma relação de confiança e identificação com seu público. Enquanto Gonzalez emprega uma linguagem figurativa e dinâmica para abordar eventos históricos e conceitos complexos, por exemplo, Lee adota um tom autêntico ao narrar suas experiências pessoais.

Ademais, pontua-se a diferença entre a construção do *ethos* na modalidade oral e na modalidade escrita. Na modalidade oral dialogada, o *ethos* é construído de forma imediata e interativa; o orador é capaz de ajustar sua credibilidade com base nas reações do público durante o discurso. Já na modalidade escrita, a construção do *ethos* é realizada por meio de textos escritos, o que limita a interatividade entre autor e leitor. Com isso, as aspas, na modalidade escrita, podem aderir nuances à construção do *ethos* semelhantes às expressões faciais.

Considerações finais

A análise do uso das aspas na construção do *ethos* discursivo de Lélia Gonzalez e Rita Lee revela não apenas a habilidade das autoras em empregar estratégias argumentativas eficazes, mas também a complexidade de suas narrativas. Tanto Gonzalez quanto Lee utilizam esse recurso gráfico de forma consciente para destacar palavras-chave, expressões e narrativas pessoais, enriquecendo assim seus discursos e fortalecendo seu *ethos* com o público leitor.

Ao longo desta breve pesquisa, observa-se que as aspas desempenham múltiplas funções no discurso das autoras. No caso de Lélia Gonzalez, as aspas são empregadas para enfatizar termos e expressões específicas, o que contribui para criar uma atmosfera única de progressão lógica em seu discurso. A linguagem dinâmica e não convencional utilizada por Gonzalez ressalta seu *ethos* de autora intelectual e demonstra seu domínio das palavras e de um estilo próprio.

Já Rita Lee, por sua vez, utiliza as aspas para compartilhar experiências pessoais de forma descontraída e informal, criando uma imagem mais próxima do cotidiano e gerando uma maior identificação com o público leitor. Seu tom irreverente, aliado ao uso de uma linguagem coloquial, contribui para construir seu *ethos* como uma narradora confiável que não hesita em expor seus pensamentos e emoções.

Portanto, conclui-se que o uso das aspas desempenha um papel fundamental na construção do *ethos* discursivo das autoras. Por meio desse recurso gráfico, Gonzalez e Lee conseguem estabelecer uma relação de confiança e identificação com seu público.

Referências

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-28.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 19, p. 25-42, 1990.

AUTHIER, REVUZ. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 2956.

LEE, Rita. **Rita Lee: uma autobiografia**. São Paulo: Globo, 2016.

LIMA, Norma. **Ditadura no Brasil e censura nas canções de Rita Lee**. Curitiba: Appris, 2019.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

PERELMAN, Chaim. OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de Argumentação: A nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PROJETO MEMÓRIA. **Lélia Gonzalez**: o feminismo negro no palco da história. 2011. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/index.jsp>. Acesso em: 25 jul. 2021.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.